

Professores em formação discutindo a Avaliação Escolar

Training teachers discussing school evaluation

Rosangela Inês Matos Uhmman (rosangela.uhmann@uffs.edu.br)

Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo

Fernanda Seidel Vorpapel (vorpagelfernanda@gmail.com)

Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo

Resumo: A perspectiva da avaliação escolar exige um entendimento da efetivação no processo de ensino de forma qualitativa. É preciso elevar a atenção ao que decorre das práticas e concepções de avaliação *a priori*, na intenção da reconstrução. O que impulsionou investigar em cinco Encontros Formativos as concepções e práticas de avaliação externalizada entre professores em formação inicial e continuada comparada às quatro gerações de avaliação de Guba e Lincoln (2011). Para tanto, uma fundamentação teórica contribui com o desenvolvimento pedagógico no processo de avaliação. Assim, na segunda parte, as quatro gerações emergem nos diálogos em que são explorados entendimentos acerca do processo de avaliar para aprender e ensinar melhor, em consideração aos limites que perpassam no contexto educacional. Portanto, o caminho trilhado apontou indícios de construção de uma avaliação de mensuração para uma que negocia e emancipa quando se vivencia encontros formativos de problematização junto aos envolvidos.

Palavras-chave: Avaliação Escolar; Encontros Formativos; Formação Docente.

Resumo traduzido: The perspective of the school evaluation requires an understanding of the effectiveness in the teaching process in a qualitative way. It is necessary to raise the attention to what happens from the practices and conceptions of evaluation *a priori*, in the intention of the reconstruction. This led us to investigate in five Formative Meetings the conceptions and practices of externalized evaluation between teachers in initial and continuing formation compared to the four generations of evaluation of Guba and Lincoln (2011). For that, a theoretical foundation contributes to the pedagogical development in the evaluation process. Thus, in the second part, the four generations emerge in the dialogues in which understandings are explored about the process of evaluating to learn and teach better, considering the limits that permeate in the educational context. Therefore, the path traced pointed indications of construction of a measurement evaluation for one that negotiates and emancipates when experiencing formative encounters of problematization with those involved.

Palavras-chave traduzidas: School evaluation; Formative Meetings; Teacher Training.

1. INTRODUÇÃO

A avaliação consiste em uma prática inerente à vida diária, pois não somos avaliados somente no âmbito educacional, a exemplo, do sistema escolar, visto que o processo avaliativo vai além, pois é uma ação constante e diária. O que nos fez querer entender as concepções e as diferentes práticas avaliativas, bem como as limitações e possibilidades demonstradas pelos professores de escola, formadores e licenciandos estagiários de uma universidade federal. A ideia consistiu em conhecer um pouco mais da realidade dos professores da escola básica e universidade, tendo em vista os princípios que norteiam principalmente a avaliação escolar, dialogando com quem está dia a dia nas escolas, por exemplo, tendo em vista que a avaliação tem papel fundamental quando se eleva a atenção aos aspectos avaliativos intrínsecos no ensino. Ou seja, o ato de avaliar é prática indissociável no processo de ensino, implicando em posicionamento crítico e reflexivo no desenvolvimento da prática pedagógica.

Atentar para a avaliação é também pensar na forma com que atinge a vida de cada estudante, o que faz com que os instrumentos de avaliação, por vezes, sejam temidos pelos mesmos, o que pode gerar desconforto quando considerado apenas o valor quatro ou sete, por exemplo. Esse número pode não dizer respeito ao real conhecimento construído pelo aluno no estudo dos conceitos (componente curricular) em contexto escolar e universitário. Apesar dos avanços no estudo da avaliação, as práticas avaliativas ainda carecem de entendimento no sentido de que um número é necessário para o registro, no entanto, cada resultado (baixo ou alto) serve para diagnosticar e melhorar tanto o processo de aprender quanto de ensinar. Neste sentido, justificamos nosso estudo ao tentar entender como a avaliação que vem se constituindo, especialmente no espaço escolar da educação básica e ensino superior.

Para tanto, nos embasamos em referenciais como de Guba e Lincoln (2011), Hoffmann (2014), Luckesi (2011) e Uhmman (2017) entre outros, compreendendo a avaliação como “[...] um juízo de qualidade sobre os dados relevantes para uma tomada de decisão” (LUCKESI, 2011, p. 17), visto a constituição de um processo intrínseco na prática docente. O que não se trata de um movimento fácil, requer uma interpretação construtiva acerca do ato de avaliar decorrente de estudos, vivências e experiências intensas na maneira de conceber a prática de ensinar e aprender ao avaliar.

Nesse sentido, analisamos a interação estabelecida em Encontros Formativos (EF), os quais perpassaram pelo movimento da investigação-ação, rica oportunidade pela diversidade de cada contexto educacional problematizado na coletividade, visto a reflexão a respeito das diferentes maneiras de entender a prática da avaliação para a reconstrução das mesmas. Na sequência, apresentamos breve fundamentação teórica contribuindo com o desenvolvimento pedagógico respectivo às concepções e práticas de avaliação. Após a metodologia, apresentamos a avaliação que será problematizada ao revirmos as gerações de avaliação com os diálogos (respectivo aos excertos, por exemplo: 1º EF, 2º EF...) emergidos dos EF junto aos envolvidos desta pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO ESCOLAR

A avaliação é aspecto presente na vida das pessoas e extrapola o contexto escolar, visto que somos avaliados constantemente sem percebermos. O que requer pensarmos na concepção de avaliação, o que é avaliar e quais são os principais aspectos para avançarmos na discussão das diferentes práticas metodológicas de avaliação. É fato que julgamos, por vezes, sem ter consciência do ato, no entanto, também sofremos esta ação. Urge, pensarmos sobre os entendimentos acerca da avaliação a respeito das possibilidades e limites junto ao processo de ensinar e aprender.

O processo de avaliação segundo Luckesi (2011) contribui ao trazer o entendimento sobre a concepção de avaliação, dizendo que é preciso significar o avaliar, no qual destaca que se trata de aprender os conceitos teóricos que tangem o processo de avaliação, bem como aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos cotidianos.

Pensamos que a relação professor e aluno, especialmente no processo de avaliação, seja uma interação de diálogo e negociação. Nesse sentido, o processo de avaliação requer focar na aprendizagem, em que professores e alunos negociam, ao pensar e entender que ensinamos para avaliar e avaliamos para melhor ensinar (UHMANN, 2017). Nesse sentido, é pertinente entender que o processo de avaliação possibilita ao professor, a reflexão sobre sua prática pedagógica, as estratégias de ensino, das quais faz uso.

Neste sentido: “É compromisso do professor, elaborar e mediar atividades desafiadoras para o aprendiz passar de ator para autor” (UHMANN, 2017, p. 145), o que pode ser discutido entre os pares professores e demais sujeitos escolares, assim estudando em referenciais da área. Avaliar não é classificar os alunos, mas colocar-se junto a eles neste processo, acompanhando o seu desenvolvimento com o intuito de aprender juntos. Para facilitar a aprendizagem do aluno, na perspectiva crítica de uma educação que liberta. O movimento de construção por uma avaliação negociada requer:

“[...] questionar princípios e métodos avaliativos indo além da normalidade prevista em uma averiguação dos resultados por meio de números, voltando-se para o entrelaçamento de teorias e práticas avaliativas de forma crítica e renovada das concepções” (UHMANN, 2017, p. 102).

Não basta fazermos uso de diferentes práticas avaliativas, se estas são utilizadas como função de mensuração. “Compreende-se que as atividades do trabalho docente, como a avaliação, exigem esforço, investimento pedagógico e tempo, especialmente quando é preciso modificá-la” (MADKE; FRISON, 2016, p. 287). O desafio da avaliação consiste em fazer do processo formas de acompanhamento do aluno, o que possibilita a problematização das atividades desenvolvidas no processo de ensinar e aprender.

3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa problematizamos as quatro gerações de avaliação (mensuração, descrição, juízo de valor e negociação) de Guba e Lincoln (2011) relacionado e comparado aos diálogos das falas (gravadas e transcritas) dos participantes dos cinco EF analisados em 2017. Para os dados produzidos foi utilizada a categorização, configurando-se como uma pesquisa qualitativa com base em Lüdke e André (2013). Fizeram parte das discussões, os estagiários (professores em formação inicial), professores formadores e professores de algumas escolas da região das Missões, constituindo uma tríade. Os quais foram identificados com nomes fictícios para preservação de suas identidades, por exemplo, os que iniciam com a letra “P” para os professores das escolas, “E” para estagiários e “F” para os professores formadores, aprovado pelo Comitê de Ética.

No 1º EF dialogamos sobre os referenciais, com atenção para problematizar as diferentes concepções de avaliação. Já no 2º EF as discussões se detiveram sobre as ações de planejar, executar e avaliar, tendo o plano de aula como recurso. Enquanto no 3º EF foram abordadas as diferentes estratégias avaliativas pelos estagiários na perspectiva de produzir significados ao processo de avaliar. Os limites, possibilidades e desafios da avaliação escolar foram problematizados no 4º EF. Por fim, no 5º EF tratou-se de reavaliar as práticas de avaliação desenvolvidas na educação básica, constituindo-se como parte da sistematização dos EF.

Destarte, passamos a problematizar os entendimentos pedagógicos de avaliação que emergiram dos cinco EF, sendo que a investigação serviu para entender as diferentes compreensões acerca da avaliação. Possíveis de serem reconstruídas as concepções e práticas, ainda mais quando se propõe um diálogo formativo, com educadores em formação inicial e continuada.

4. RESULTADOS: REVIRANDO AS GERAÇÕES DE AVALIAÇÃO

Pensar nas concepções acerca do processo de avaliação relacionado às práticas, nos faz recordar da própria prática. O que nos instigou a analisar os cinco EF a respeito da temática desta pesquisa no que diz respeito à avaliação, momentos em que emergiram diferentes entendimentos, impasses e desafios. Primeiramente faremos uma breve explicação sobre as concepções de gerações de avaliação necessárias devido à observação e análise comparativa das quatro gerações nos referidos EF. Neste sentido, com base em Guba e Lincoln (2011), a primeira geração de avaliação é da “mensuração”, em que se avalia o sujeito aluno tecnicamente. Essa concepção de geração é marcada por testes de memória, por exemplo, no qual o objetivo é avaliar se os alunos conseguiram dominar o conteúdo. Tal avaliação consiste na reprodução dos conceitos científicos, sem contextualização com a questão social/global dos educandos.

A segunda geração é caracterizada como a geração da “descrição”, na qual se avalia o aluno e o objeto de avaliação como se o aluno não existisse em um dado contexto, o que impulsiona a constituição da próxima geração de avaliação. Esta, chamada de terceira geração nomeada por “juízo de valor”, avança no sentido de começar a refletir sobre a importância do objeto de avaliação, e os valores de quem está

neste processo, no entanto, o avaliador assume o papel de julgador, mantendo as funções técnicas e descritivas.

Enfim, a quarta geração de avaliação é chamada “negociação”, nesta o professor se coloca junto no processo de avaliar, repensando a prática docente. Caracteriza-se por ser uma avaliação emergente da recriação com base na metodologia do paradigma construtivista. Cabe destacar que esta geração se constituiu a partir das outras três, (mensuração, descrição e juízo de valor), o que não quer dizer que a avaliação de quarta geração seja entendida como a melhor. O estudo vai além e discute o entendimento sobre avaliação que perpassa a história, visando reconstituir determinadas concepções.

Tendo em vista as quatro gerações de avaliação e os respectivos EF, foi pertinente observar como a fala, nos EF se inclinaram para qual geração de avaliação. No 1º EF evidenciamos que, por vezes, o diálogo direcionou para a perspectiva da avaliação construtivista, ou seja, na tríade foi consenso à percepção da importância da avaliação acontecer de forma negociada, no entanto, ao mesmo tempo emerge certa confusão das ideias no entendimento do conceito de avaliação. A professora no contexto da educação básica entende:

a avaliação de hoje é diferente... eu procuro fazer diferente... sei que a avaliação é um processo ao longo da formação para a construção do conhecimento... teoricamente eu sei que é assim... mas na prática mesmo... você ainda tem essa questão da cobrança... ver se o aluno está ou não conseguindo entender o que você está trabalhando em sala de aula... e se você não fizer essa avaliação ele não precisa nem ler (Paula, 1º EF).

Diante da fala da professora evidenciamos que ela entende que a avaliação acontece no processo atrelado aos aspectos cotidianos da escola. No entanto, ao referir sobre a questão, demonstra uma maneira de acompanhar a aprendizagem do aluno, que decorre, provavelmente, da sua experiência formativa, porém não se autoavalia no processo de ensino.

A questão que se coloca no processo de avaliação não desconsidera o registro por meio de uma nota, pois a discussão vai além, no sentido de problematizar como estes números estão sendo usados, com que critérios e finalidade. A avaliação é por vezes é compreendida unicamente por meio de testes e provas visando um resultado, sem levar-se em conta o processo vivenciado. Entendemos que este aspecto é uma questão a ser

superado na cultura enraizada da educação. Assim, o estagiário em formação inicial menciona:

a discussão está impregnada na escola e em todo o sistema escolar... por exemplo, na 8ª série fiz uma atividade e os alunos queriam saber qual a nota... eu falei que a nota é apenas um detalhe. Disseram: não... não professor... a nota é para passar... tem que rever (Erick, 1º EF).

Neste sentido, a escola, como espaço propulsor do conhecimento, necessita problematizar essa questão junto aos pais e alunos para avançar na concepção de que avaliar não serve apenas para aprovar ou reprovar. “O objetivo da avaliação não é atribuição de notas ou conceitos, mas o acompanhamento da aprendizagem dos alunos e a orientação do ensino para o professor” (UHMANN, 2017, p. 97). A professora, com preocupação, expõe: “*estávamos aplicando provas... e mais provas... colocando nota... fazendo recuperação... mas nenhum instrumento levava em conta a discussão depois de ter feito a prova no final*” (Flávia, 2º EF).

Compreendemos que ao dar apenas o retorno com uma nota numérica ao estudante, o professor: “[...] não está auxiliando-o a reconhecer as suas dificuldades e tão pouco apontando-as, apenas se constitui com um fim em si mesma” (AVILA, 2011, p. 04). Nesse sentido, Esteban (2001) destaca com preocupação: “[...] o não saber frequentemente é identificado como o fim de um processo que leva a um resultado desfavorável, é a impossibilidade de seguir adiante”.

Nossa atenção se volta ao fato de entender o ato da avaliação no processo e não como fim em si, pensando sempre no desenvolvimento da aprendizagem do estudante, qual o contexto que este se encontra, bem como quais os limites e as possibilidades atrelados para que o mesmo aprenda. Assim, também

a instituição escolar precisa considerar a realidade em que está inserida... se eu tenho uma comunidade... com um problema x lá eu posso interferir com estudos... eu e os alunos ajudando a fazer este trabalho de pesquisa... consequentemente... eles mesmos podem fazer esse trabalho avaliativo se foi positivo ou não (Flávia, 1º EF).

Pensar a avaliação como forma de acompanhamento do aluno pode ser problematizada com a importância dos relatórios avaliativos pelos professores que permitem a todos conhecer e refletir sobre caminhos diferentes e singulares percorridos, retratando as aulas, revelando concepções e juízos de valor (o que as notas escondem),

favorecendo a melhoria da ação educativa nas escolas e a melhor aprendizagem dos alunos. Sentir a necessidade de mudança é o começo para avançar no entendimento da função que tem a avaliação. A professora, formadora expõe essa questão ao compreender que:

o discurso é diferente da prática na avaliação escolar... pois permanece a entrada de formas tradicionais de pedagogias reprodutivas... é o que a gente lê e isso está nos preocupando... isso nós não queremos... uma prática tradicional de avaliação que reproduz informações (Flávia, 1º EF).

Diante do posicionamento da professora, que demonstra interesse e preocupação pelo processo avaliativo, podemos evidenciar a percepção de avaliação como forma de acompanhar a aprendizagem do aluno e não como fim de mensurar conhecimento. Assim,

a relação educador educando exige um processo avaliativo mediador como já foi colocado... por meio do resgate... a sensibilidade do respeito ao outro... da convivência e de procedimentos dialógicos significativos... são três situações que eu diria... poderíamos pensar no... como eu estou fazendo as minhas avaliações... para quem e por quê? (Flávia, 5EF).

Diálogo em contexto formativo, a exemplo dos EF, poderia ser instigado e fortalecido em mais escolas da educação básica em conjunto com o ensino superior. Problematizar a avaliação escolar é construir entendimento, e a partir disso, planejar ações didático-pedagógicas na relação teoria-prática, não esquecendo que a “ética necessita estar presente nas condutas avaliativas” (LUCKESI, 2011, p. 250).

Nessa direção é relevante pensar nas estratégias de avaliação, com diferentes maneiras de se avaliar. Entendemos que estas poderiam ser diversificadas no sentido de contemplar a diversidade de habilidades, bem como as limitações dos alunos. É sabido que na prática, por vezes, as ações não estão em concordância com os referenciais acerca de temas educacionais, a exemplo, dos processos de avaliação. A professora concorda em usar diferentes estratégias, no entanto ressalta:

o quanto dá trabalho fazer uma atividade diferenciada... mas como isso é importante... nós temos alguns limites que esbarram, ou seja... muitas turmas... muitos alunos e talvez gostasse de fazer um trabalho diferenciado... mas aos poucos... se nos propuser..., conseguiremos planejar diferente (Pedra, 1º EF).

O que Pedra expõe a partir da sua vivência em um sistema de escola, revela a falta de investimento na educação. O ponto crucial para viabilizar qualidade pela

educação poderia ser a partir de um planejamento há longo prazo, pois entra e sai governo, e o sistema muda sem nenhuma atenção ao proposto anteriormente.

Neste sentido, em concordância com Hoffmann (2014) o desafio consiste em mudarmos a concepção que temos de avaliação, começando por entender que ela acontece no processo ajudando o professor a refletir sobre sua prática, visando ensinar e aprender ao avaliar. Assim, com fundamento em Guba e Lincoln (2011), o avaliador pode reconstruir as construções da realidade existente. “O avaliador então é o agente condutor no processo de mudança de ações e de ações para mudanças” (GUBA e LINCOLN, 2011, p. 290), tendo o papel social para desafiar, instigar e promover a autonomia dos seus alunos.

É pertinente discutir a avaliação na coletividade, a exemplo dos EF, bem como outros temas relacionados à educação, visto que tais problematizações podem levar a uma educação de qualidade comprometida com o papel social na formação de indivíduos críticos e autônomos. O que é exposto com preocupação pela professora, pois: “só se faz reunião quando se tem casos muito específicos... ou se tenta simplesmente resolver com os alunos o problema” (Paula, 3º EF).

À medida que não se discute o processo avaliativo na escola, o mesmo fica a mercê de estratégias sem articulação coletiva no coletivo escolar. Esse é um ponto crucial para o avanço das questões pertinentes na escola, visto a integração entre escola, pais e professores que de certa forma está enraizada no ensino. Vislumbrando essa questão compreendemos que “[...] a competência profissional, necessária em todo processo educativo, será formada em última instância na interação que se estabelece entre os próprios professores, interagindo na prática de sua profissão” (IMBERNÓN, 2011, p. 33). Assim, destacamos os EF como exemplo para que ocorram as interações dialógicas favorecendo o pensamento crítico, este que pode levar ao desenvolvimento do ensino comprometido com as relações sociais, ambientais e culturais. É necessário investir na avaliação visando à aprendizagem, pois *“é no processo que as aprendizagens vão se constituindo de forma colaborativa”* (Flávia, 1º EF).

Professor e alunos aprendem juntos, constroem conhecimentos a partir do que já foi sistematizado, o que é proposto nas concepções de avaliação de quarta geração. É pertinente destacar que diante da complexidade do processo de avaliação tem limites

que precisam ser superados principalmente quanto: “a questão do rompimento da cultura escolar precisa ser mudada” (Erick, 4º EF).

O que vai de encontro da complexidade da temática da avaliação, em que “desenvolver uma nova postura avaliativa exige constantes mudanças na prática da avaliação e rompimento com a cultura da memorização, classificação, seleção e exclusão tão presente no sistema de ensino” (MELO; BASTOS, 2012, p. 194), reforçando a primeira e segunda geração de avaliação. Desse modo, a mudança na forma de ver e conceber a avaliação, seja na educação básica ou no ensino superior, é um movimento árduo, visto as exigências que o processo demanda, a exemplo, da organização e da reconstrução do entendimento de avaliação.

O que Erick menciona, quanto ao rompimento da cultura, é a invisibilidade de mudança cultural sobre os atos já enraizados de que é difícil a mudança de uma geração para outra. De acordo com Hoffmann (2014, p. 23): “[...] condições adversas de vida nem sempre são obstáculos à aprendizagem. Ao contrário, podem gerar estratégias de sobrevivência de criatividade espantosa”. Temos consciência da necessidade de mudança, no entanto, na maioria das vezes, não se concretiza ações que de fato possam levar a melhorias, especialmente na forma do processo de avaliar com foco na aprendizagem. No entendimento da professora, “a falta de interesse em aprender é muito questionadora” (Pedra, 5º EF).

O que evidencia que os jovens querem resultados imediatos, e por vezes, não pensam em conquistar a longo prazo, a exemplo de investir insistindo em avaliações para o processo de aprendizagem como algo que precisa ser considerado pelos professores e também dos alunos para possível resolução da problemática avaliativa. Desse modo, é imprescindível o investimento em estudos e pesquisas que contribuem no processo de ensinar e aprender, destacando que esses aspectos são relevantes para o crescimento do indivíduo como ser crítico e consciente com seu papel social. Entendendo que as ações desenvolvidas necessitam ser humanizadas, ainda mais, no período em que nos encontramos, por vezes, frente a desvalorização da vida humana.

Diante do exposto, é importante que se avance em defesa da necessidade de formação na coletividade para melhor entender o processo de avaliação, visando à reconstrução de sua finalidade na escola. A avaliação precisa ser explorada como

instrumento de aprendizagem diferente da concepção de mensuração que apenas aprova ou reprova o aluno (primeira geração de avaliação). Assim,

[...] assume-se a posição pela necessidade de o professor se constituir pesquisador de suas ações didático-pedagógicas, buscando através da reflexão sobre suas práticas reforçar aspectos positivos e superar as dificuldades na luta por espaço/tempo com vistas a conciliar atividades de docência com atividades de pesquisa. (UHMANN; MORAES; MALDANER, 2014, p. 113).

Neste sentido, com estudos e pesquisas precisamos ir repensando nossa ação como docente, especialmente sobre a questão da avaliação, um tema complexo que gera discussões, a exemplo, “eu demorei a abrir mão do modelo de avaliação... para ir migrando gradativamente para outro modelo... isso é ruim para o professor... o professor sofre, mas é necessário” (Felipe, 4º EF).

Em sua fala Felipe demonstrou indícios na transição da avaliação de primeira e segunda geração de avaliação para a quarta, em que constata tal movimento, uma atividade árdua para o professor, visto que implica em mudanças na forma de conceber a avaliação. Uhmman (2017, p. 245), menciona: “O processo de constituição formativo é gradativo”.

Com essa pretensão que os movimentos de reconstrução, primeiro do entendimento acerca da avaliação geral com posterior observação da prática em contexto escolar nos moveram a fazer este estudo, apresentando a importância do trabalho colaborativo, pela via reflexiva, acerca das contribuições no processo de avaliação, entendendo que: “O avaliador é um agente condutor no processo de reconstrução das construções de realidade existentes” (GUBA; LINCOLN, 2011, p. 290). Assim atentamos que: “A avaliação pedagógica não é só medida, juízo, narrativa, negociação e aprendizagem. É também poder, sanção, discriminação e exclusão” (ALVES; CABRAL, 2015, p. 638), o que precisa ser problematizado e desmistificado.

Enfim, compreendemos que para melhorar o ensino é preciso começar pela discussão de compreender as diferentes concepções e práticas de avaliar ao dar atenção às dificuldades e potencialidades em cada contexto educacional para assim avaliarmos melhor. Apontamos para uma sala de aula que poderia trabalhar os conteúdos de forma interdisciplinar, reconhecendo o papel do conhecimento específico, a exemplo, deste

estudo por temáticas, possibilitando que o processo de avaliação seja repensado, mas jamais abandonado. Esse é um desafio que lançamos aos grupos de estudos, EF, entre outros nas escolas para discutir as questões junto à comunidade escolar no planejamento reconstrutivo dos entendimentos, sendo um dos caminhos inicial para as ações transformadoras, que visam melhorar a qualidade no campo educacional.

5. CONSIDERAÇÕES

O presente estudo teve por objetivo entender as concepções e práticas avaliativas, bem como as potencialidades e desafios da avaliação que emergiram dos cinco EF, constituído por professores em formação inicial, da educação básica e do ensino superior. Tal ação nos oportunizou analisarmos as falas dos EF realizados acerca da temática evidenciando que as quatro gerações (GUBA; LINCOLN, 2011) permearam em cada encontro, algumas vezes convivendo em uma mesma fala e mesmo contexto escolar. No entanto, na maioria das vezes, a geração da mensuração permaneceu com maior enfoque na avaliação. Cabe destacar, que acerca do entendimento da avaliação não há homogeneidade de ideias, estas que se definiram ao longo dos EF, compreendendo a avaliação no processo como um todo de forma heterogênea.

Deste modo, não podemos afirmar que os professores e também pesquisadores de sua própria prática se enquadraram em uma única geração de avaliação, pois se mesclaram os entendimentos, ora se posicionam como avaliação de mensuração, centrado em medir conhecimento, ora trataram a avaliação de forma negociada (característico da quarta geração), como forma de acompanhar a aprendizagem e as dificuldades dos alunos.

Assim, nosso estudo se deteve a entender de que forma as gerações de avaliação estavam impregnadas nas falas dos sujeitos da tríade. Constatamos também que há uma miscelânea de ideias, tanto de concepções quanto de práticas, tendo que o entendimento de avaliação como negociação é um processo lento e gradual. Tal entendimento foi possível devido á análise das falas dos professores que foram trazidas ao longo das discussões, a exemplo, das professoras Paula e Pedra, de Erick e Eliane, bem como dos professores formadores, Flávia e Felipe.

Destarte, o processo de ensinar e aprender ao avaliar implica em uma gama de entendimento do que é avaliar no processo de ensino, está por sua vez, precisa ser temática e sistemática de discussão em diferentes EF com primordial participação principalmente dos sujeitos envolvidos no processo avaliativo. Para assim alcançar os resultados desejados no contexto da prática escolar, indo ao encontro da emancipação em detrimento da reprodução escolar. Enfim, o estudo precisa ser ampliado e sistemático referente aos diferentes aspectos implícitos, a exemplo, das políticas públicas para avançarmos na compreensão da diferença entre avaliar e examinar, relação teoria e práticas de avaliação, dentre outros, necessários principalmente na formação de professores.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, J. J. F. M.; CABRAL, I. Os demônios da avaliação: memórias de professores enquanto alunos. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 26, n. 63, p.630-662, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/intel/AppData/Local/Temp/3690-15037-1- PB.pdf](file:///C:/Users/intel/AppData/Local/Temp/3690-15037-1-PB.pdf)>. Acesso em janeiro de 2018.

AVILA, A. P. **O feedback do professor na perspectiva formativa**: um estudo de caso na Educação a Distância, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/936/Avila_Andriza_Pujol.pdf?sequence=1>. Acesso em: março de 2018.

ESTEBAN, M. T. Avaliar: ato tecido pelas imprecisões do cotidiano. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, p. 175-192, 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0611t.PDF>>. Acesso em: abril de 2018.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Avaliação de quarta geração**. Campinas SP: Unicamp, 2011.

HOFFMANN, J. **O Jogo do Contrário em Avaliação**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposição. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MADKE; P.; FRISON, M. D. Concepções de professores da educação básica sobre avaliação escolar: repercussões no trabalho educativo. **Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, v. 1, p. 284-290, 2016. Disponível em: <<http://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/TED/article/view/4541>>. Acesso em: abril de 2018.

MELO, E. S. DE.; BASTOS, W. G. Avaliação escolar como processo de construção de conhecimento. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 23, n. 52, p.180-203, 2012. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/1936>>. Acesso em: março de 2018.

UHMANN, R. I. M. **O Professor em formação no processo de ensinar e aprender ao avaliar**. Curitiba: Appris, 2017.

UHMANN, R. I. M.; MORAES, M. M.; MALDANER, O. A. Professor de Escola em Pesquisa no Contexto da Educação Básica. **Cadernos de Educação**, n. 47, p. 104-125, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/4654/3499>>. Acesso em: maio de 2018.